

Produtores hortícolas portuguesas na região metropolitana de Buenos Aires

INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva dos estudos sobre a migração, a história da Argentina é a história da dinâmica dos fluxos de população oriundos da Europa e da construção de estratégias pessoais e de grupo orientadas para a integração no novo país. No leque de vagas migratórias que contribuíram para o crescimento demográfico e o desenvolvimento da Argentina, a imigração portuguesa, se bem que já de longa data neste país (Lewin, 1980; Avni, 1983; Assadourian *et al.*, 1986), foi de pouca importância em termos numéricos quando comparada com os grandes contingentes de espanhóis e italianos; este facto explicaria, numa primeira instância, o desconhecimento que actualmente existe sobre a presença de comunidades portuguesas na Argentina.

De acordo com os dados da Dirección Nacional de Migraciones de Argentina, o saldo da imigração portuguesa na Argentina entre 1857 e 1970 contabilizou um total de 45 000 pessoas, destacando-se pela sua maior intensidade nas décadas entre 1920 e 1930 e entre 1940 e 1960. Durante a etapa de recolha de dados foram muitos os portugueses que informaram que um importante número de coetâneos se tinha estabelecido originalmente no Brasil e no Paraguai, tendo posteriormente decidido deslocar-se para a Argentina, atravessando a fronteira como turistas. Neste contexto, é de supor que a Dirección Nacional de Migraciones, que tem a sede na cidade de

* Departamento de Investigación da Universidade de Belgrano, Buenos Aires, Argentina.

** Departamento de Economía da Universidade Nacional de La Matanza, Argentina.

Buenos Aires, não tenha recebido informação relativa a estes casos. Borges (1997) faz referência precisamente a esta situação.

Aqueles que integraram o primeiro fluxo migratório português do século xx para a Argentina eram oriundos do Algarve e estabeleceram-se em Buenos Aires e noutras cidades da costa atlântica. No entanto, aqueles que chegaram entre o final da segunda guerra mundial e a década de 60 estabeleceram-se principalmente nos distritos que rodeiam a cidade de Buenos Aires, tais como La Matanza, Escobar, Esteban Echeverría e General Rodríguez, entre outros. Oriundos do Minho, Trás-os-Montes e Beiras, os seus membros conseguiram integrar-se nos sectores industrial e comercial da economia local, assim como na produção de legumes, hortaliças e tijolos.

Os estudos históricos sobre a imigração portuguesa para a Argentina oferecem alguns aspectos ligados à vida quotidiana da comunidade durante o período do Virreinato do Río de la Plata. É o caso de Paredes (2000), que, no seu trabalho sobre a comunidade de comerciantes portugueses estabelecidos em Buenos Aires em meados do século xviii, investigou a existência de eventuais redes de parentesco, de contactos e de poder entre os seus membros. Sem fazer referência à possível origem regional deste grupo migratório, ele afirma que «o centro de todas estas relações foram os interesses comerciais, dada a actividade específica dos actores [...] nota-se ali uma complexa trama de negócios, disputas e dependências». As relações de amizade e conterraneidade entre co-étnicos coexistiram com as situações de conflito. Deste modo, a autora conclui que não se chegou a formar uma verdadeira rede social entre os portugueses que se dedicavam a actividades comerciais, apenas existindo relações derivadas da sua inserção laboral, as quais não se mantiveram ao longo do tempo.

De acordo com Reitano (2000), durante o Virreinato a comunidade portuguesa da cidade de Buenos Aires era formada por dois grupo sociais. O grupo maioritário, que correspondia aos estratos mais baixos da sociedade e era formado por artesãos e jornaleiros, mantinha alianças matrimoniais exogâmicas que faziam perigar a sua identidade étnica. O outro grupo de lusitanos pertencia à classe média e média-alta da sociedade *porteña* e integrava comerciantes grossistas e retalhistas, fazendeiros e proprietários de terras. Ao contrário dos portugueses mais pobres, estes tendiam a conservar práticas endogâmicas e procuravam bons casamentos para as suas filhas. No século xviii, este grupo de portugueses adoptou as pautas dos grandes mercadores espanhóis, vinculados entre si através de redes sociais. Isto permitiu-lhes, segundo o autor, «acrescentar ou manter o património acumulado através dos laços entre famílias da mesma metrópole. Um bom partido para as filhas dos integrantes destes sectores podia ser encontrado dentro do grupo mais selecto de imigrantes portugueses que chegavam a Buenos Aires com a finalidade de comerciar, fazer fortuna e, se possível, consolidar o património

através de um matrimónio conveniente, dado que, se a prometida pertencia à mesma nação, era uma excelente forma de manter vínculos e relações» (Reitano, 2000, p. 23). Para além das alianças matrimoniais, o compadrio e o sistema de heranças foram vias que promoveram a consolidação das relações familiares com o propósito, por parte dos portugueses, de ascenderem na escala social não apenas dentro da comunidade, mas também no contexto da sociedade *porteña*.

No seu trabalho sobre os portugueses que residiam na cidade de Buenos Aires em meados do século XIX, Borges (1989) conclui que, de um total de 91 500 habitantes, os portugueses formavam um núcleo de 629 pessoas. Como consequência da origem migratória desta população, a diferença a favor do elemento masculino era arrasadora: na cidade moravam pelo menos 33 mulheres e 662 homens. Estes últimos dedicavam-se, na sua maioria, a trabalhos de pouca ou nenhuma qualificação, bem como ao comércio e trabalhos artesanais. As pautas residenciais dos portugueses da cidade de Buenos Aires são analisadas por Borges (1991) com base nos dados dos censos de 1855, 1869 e 1895. Se num primeiro momento o tipo de trabalho e a nacionalidade determinavam o lugar de residência, no final do século XIX persiste a origem nacional, à qual se acrescentam os laços familiares, observando-se um aumento nas alianças matrimoniais de carácter endogâmico.

Na história da migração de algarvios para a cidade de Comodoro Rivadavia, província de Chubut, e para Villa Elisa, província de Buenos Aires, Borges (1997) oferece uma classificação de três sistemas migratórios na região do Algarve entre o século XVIII e 1950. O primeiro sistema inclui as migrações internas para o Alentejo, assim como as migrações internacionais temporárias para Gibraltar e a Andaluzia. O segundo fazia parte do sistema migratório transatlântico que articulava os países europeus com os países americanos. O terceiro sistema inclui os portugueses que emigraram para os países europeus industrializados. O trabalho de Borges analisa as características da imigração de algarvios provenientes de Boliqueime e São Brás de Alportel e a sua inserção em dois cenários sócio-económicos distintos: a extracção de petróleo em Chubut e a floricultura em Villa Elisa. Borges defende que os mercados de trabalho e as características da sociedade receptora configuraram, de certa maneira, diferentes experiências para os imigrantes. Ele conclui atribuindo às redes sociais presentes nas duas comunidades uma forte influência na integração dos portugueses.

Num artigo posterior, Borges (2000) defende que a aplicação da perspectiva sistémica aos estudos históricos sobre as migrações algarvias reflecte que os padrões migratórios regionais faziam parte de padrões migratórios mais amplos e internacionais. A participação de algarvios no sistema migratório internacional fez parte de uma longa tradição de emigração no quadro do sistema migratório do Sul da Península Ibérica. Embora a análise demons-

tre a existência de continuidade e adaptabilidade do sistema migratório, reconhece simultaneamente a existência de mudanças e a emergência de novos padrões.

Relativamente às actuais comunidades portuguesas da Argentina, poder-se-á pensar que este grupo migratório se manteve oculto no processo de reprodução social do país. Podemos procurar a origem deste silêncio em várias causas, algumas mais evidentes do que outras. Por um lado, consideramos que existe uma certa dificuldade em reconhecer apelidos e nomes portugueses enquanto tais. Pinto, Silva, Romero, Costa, Torres, Ventura, Brito, Manuel, José e Joaquim também poderiam ser adscritos a uma origem espanhola. No entanto, a existência de vinte e três clubes portugueses neste país é testemunho da presença dos lusitanos. Também podemos pensar que, no desordenado cenário de crescimento e transformações da estrutura sócio-económica argentina ao longo do século XX, os portugueses inventaram ali uma nova vida e construíram uma forma de auto-exclusão social e cultural. Consequentemente, e ao contrário de outros colectivos migratórios, como os galegos, os italianos, os árabes e os judeus, os portugueses não tiveram um espaço próprio no imaginário social. O cinema, o teatro e a literatura de costumes argentina não fizeram qualquer referência, nem mesmo grotesca, ao imigrante português. Relativamente a este tema, seria impossível desenvolver uma investigação inovadora como a de Núñez Seixas (1999), que analisa a construção da imagem dos galegos na produção literária e cinematográfica deste país.

O presente texto oferece uma análise das formas adoptadas na integração sócio-económica dos portugueses da segunda vaga migratória do século XX na estrutura produtiva hortícola de La Matanza, um dos distritos metropolitanos da Argentina. Mais concretamente, é reconstruída a história das quintas portuguesas no quadro das transformações da estrutura produtiva hortícola desde a década de 40 até aos nossos dias, perante o impacto dos processos de modernização e globalização.

Este artigo baseia-se em dois trabalhos de investigação realizados entre a segunda metade da década de 90 e o ano 2000 em La Matanza. A etapa de recolha de dados incluiu um inquérito a uma amostra de quinquenta portugueses, histórias de vida, entrevistas a informantes-chave, observação e observação participante em festas e celebrações nos clubes portugueses de La Matanza e em procissões em honra da Virgem de Fátima na localidade de González Catán.

O CENÁRIO: DE UMA SOCIEDADE TRADICIONAL A UMA SOCIEDADE MODERNA

A partir da década de 40 do século XX teve início na Argentina um rápido processo de profundas transformações económicas e sociais que causaram

impacto especialmente na região metropolitana de Buenos Aires. A segunda guerra mundial impulsionou o desenvolvimento da indústria, que se converteu assim no sector mais importante da economia, perante a impossibilidade de importação de artigos manufacturados oriundos dos países envolvidos em acções de guerra. Simultaneamente, os produtos agrícolas de exportação tradicional, como o trigo, o milho e o linho, acabaram por ser os mais afectados pela falta mundial de armazéns, com excepção da carne (Di Tella e Zymelman, 1973).

Neste contexto, entre 1947 e 1960 desenvolveu-se na Argentina o único período de aumento do emprego industrial. Em relação à classe operária, formada pelos migrantes das províncias do interior, a sua expansão é atribuída à criação de emprego assalariado. Neste contexto, Torrado (1983) afirma que, por volta de 1947, 17% da população total do país tinha emigrado da sua província de origem e que 68% desta massa migratória se tinha instalado na Grande Buenos Aires, localizando-se residencialmente em áreas onde tinha lugar um rápido processo de divisão e venda de parcelas de terra, até então apenas destinada ao uso agrário.

Em meados da década de 60, a indústria nos distritos da Grande Buenos Aires era a que mostrava um maior grau de desenvolvimento, concentrando cerca de 30% da produção industrial do país, enquanto a cidade de Buenos Aires passou para segundo plano (Pérez Barrero, 1990).

Situado no Centro-Oeste da primeira coroa de municípios que rodeiam a cidade de Buenos Aires, o distrito de La Matanza mantinha, no fim do século XIX, características marcadamente rurais, com uma importante riqueza na criação de gado. Entre o início do século XX e finais da década de 30 teve início a divisão da superfície agrária e o aumento do número de pequenas explorações de carácter intensivo, no contexto da instalação de pequenas fábricas nas proximidades da cidade de Buenos Aires.

No entanto, os imigrantes portugueses que chegaram entre as décadas de 40 e 60 estabeleceram-se num distrito que se encontrava em pleno processo de transformação sócio-económica e territorial. Um indicador relevante neste processo foi a implantação industrial estimulada pela política económica do governo de Juan D. Perón (1946-1955). A rápida e desordenada instalação de um número significativo de estabelecimentos industriais criou as condições para uma profunda modificação do distrito, que rapidamente adquiriu a característica de urbano e se converteu em ponto de atracção para milhares de desempregados do interior do país e de imigrantes procedentes de países europeus e limítrofes — processos que se encadearam entre si para darem lugar a uma transformação crucial de La Matanza, que caracterizei noutro texto como o período de modernização do distrito (Svetlitz de Nemirovsky, 2004).

Na análise e interpretação do processo de crescimento sócio-demográfico, implantação industrial e urbanização da região metropolitana não podem deixar de ser mencionados os contributos de Germani (1963, 1965, 1971 e 1987). Relativamente às mudanças que se produziram na sociedade argentina a partir da década de 40, Germani (1965 e 1971), antes de se reportar ao processo de modernização em si mesmo, remete para o processo de transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade industrial no caso dos países latino-americanos. Esta transição é considerada pelo autor um processo cumulativo de mudança estrutural, cujos elementos fundamentais são o desenvolvimento económico, a modernização social e a modernização política e cuja inter-relação é de causalidade recíproca. A conceptualização germaniana, estrutural e não gradualista, é aplicável ao rápido e desordenado processo que, no fim da década de 60, tinha transformado os distritos metropolitanos.

Durante o período de modernização de La Matanza podemos destacar duas componentes. Em primeiro lugar, aquela que se articula com a implantação industrial em si mesma. A outra componente remete para as mudanças que foram introduzidas na estrutura social e cultural da população *matancera*. A inclusão de um importante número de habitantes na mão-de-obra industrial foi o ponto de partida para as transformações na vida quotidiana e no imaginário colectivo. Neste contexto, o trabalho, a educação, o novo espaço da mulher no mundo laboral, o ócio e a família começaram a girar em torno de novos valores e atitudes. Os novos padrões de comportamento no quadro da organização social das fábricas exigiam a procura da eficiência e o respeito estrito pelos horários de trabalho e hierarquias de comando. Este processo significou um verdadeiro processo de aculturação não apenas para a grande massa de novos operários industriais do distrito, mas também para a sociedade *matancera* em geral. A vida dos antigos povoadores de La Matanza e dos novos imigrantes tinha decorrido até então em contextos rurais tradicionais, atrasados e pobres (Svetlitz de Nemirovsky, 2004).

AS QUINTAS PORTUGUESAS

As teorias fundamentais de Castells (1992 e 1997) e Signorelli (1999) para o estudo das cidades, particularmente a proposta de considerar as cidades uma realidade espacial e social, produto das relações sociais (economicamente articuladas) que se entrelaçam no seu seio, serviram de apoio à perspectiva adoptada neste trabalho, cuja ideia central é a de considerar as quintas portuguesas uma forma produzida sobre a qual mediaram condições históricas, valores e mapas cognitivos próprios do período pré-migratório. Se nos perguntamos, num plano abstracto, o que é que repre-

senta a reconstrução das transformações das quintas portuguesas de La Matanza durante os últimos cinquenta anos, a resposta é que constitui uma história das relações entre os imigrantes portugueses e a unidade produtiva num enquadramento histórico determinado.

A situação de extrema pobreza em que historicamente chegaram os imigrantes à Argentina no final do século XIX voltou a repetir-se em meados do século XX. No relato da migração foi a crise económica e o contexto de carências em que se desenvolvia a vida durante a etapa pré-migratória o que determinou a saída de Portugal. A imagem da pobreza é repetida, é descrita e é decifrada:

A minha mãe fazia limpeza na casa de uma senhora rica [B, 69 anos].

Em Portugal estávamos mal, e não parecia que fosse melhorar tanto como dizem que melhorou agora [F, 63 anos].

Quando a gente matava um porco, fazia-se sopa com os ossos. Comiam até os ossos e os restos que sobravam, ficava arroz com nada, e vinha uma senhora pedi-lo para dar de comer aos filhos, pisava-o e fazia sopa... [L].

[...] a nossa situação económica e a dos meus familiares mais próximos não era boa, e parecia que nunca iria mudar [G, 62 anos].

[...] era uma vida muito triste, com muito sofrimento; eu comecei a trabalhar com a minha mãe aos 6 ou 7 anos na apanha das azeitonas [A, 62 anos].

Nestas condições, os portugueses oriundos do Norte lusitano aceitavam qualquer tipo de trabalho em La Matanza. Enquanto alguns se incorporaram no sector comercial e industrial, outros encontraram ocupação nas quintas de legumes e hortaliças como assalariados de arrendatários italianos, argentinos e, inclusive, portugueses chegados entre as décadas de 20 e 30 do século XX.

Perante a necessidade de dinheiro, muitos combinavam inicialmente o trabalho nas quintas de La Matanza com a participação periódica nas colheitas de cereais e oleaginosas noutros distritos da província de Buenos Aires.

Nos primeiros tempos, o trabalho como assalariados nas quintas não estava isento de sacrifícios. Na descrição que Fernando Moura, um luso-descendente, faz da vida do pai, ele afirma que os assalariados portugueses «lavravam a terra com asnos ou cavalos, com um arado, chamado manceiro, que tinha forma de triângulo. Necessitavam-se três pessoas para arrastá-lo. Uma fazia de guia ao cavalo e as outras duas tinham que aguentar os vértices inferiores do arado. Depois do arado, faziam os riscos (os sulcos) à mão, com pesadas enxadas» (Moura, 1999, p. 4).

O veloz processo de expansão sócio-económica que se registou em La Matanza e que se canalizou através de múltiplas oportunidades de inserção laboral, associado à sua considerável extensão territorial, quando comparado com outros distritos, foi o factor que operou a favor da sua eleição como lugar de estabelecimento para os portugueses.

Depois de alguns anos de trabalho nas quintas como assalariados, verificou-se frequentemente que muitos portugueses se associaram entre si, unindo as suas poupanças e com a ajuda económica de um co-étnico, para arrendarem terras e iniciarem a sua própria produção. Na etapa que aqui nos ocupa, o maior problema que se apresentava era a devolução do empréstimo, sobretudo se se tiver em conta a vigência dos estritos princípios éticos que norteavam as acções deste grupo étnico.

O contexto de desenvolvimento sócio-demográfico e económico que se iniciou na década de 40 contribuiu para a melhora da situação laboral dos imigrantes em geral. Maior população e maior necessidade de alimentos, maior produção e, conseqüentemente, maior necessidade de assalariados — foi esta a fórmula que contribuiu para a possibilidade de acumulação dos portugueses integrados laboralmente no sector hortícola.

No contexto das transformações da estrutura agro-pecuária de La Matanza têm uma importância significativa as mudanças a nível do uso da terra: entre 1947 e 1960, o distrito perdeu 66% da superfície destinada a práticas agrárias, num processo que se pode caracterizar como pouco frequente na história da produção agrícola argentina. A perda de 15 354 hectares de superfície agrária em treze anos permite apreciar a complexidade que acompanhou a reestruturação sócio-territorial resultante do processo de implantação industrial. Uma redução tal deste elemento fundamental na produção agrária remete, à primeira vista, para uma desarticulação da reprodução das práticas. No entanto, a importância quantitativa do crescimento populacional, que desemboca num acelerado processo de urbanização, implica uma maior necessidade de alimentos frescos. Deste modo, de uma pequena produção, quase marginal, até à década de 40, o sector hortícola experimenta um processo de crescente expansão.

Em termos gerais, podemos estabelecer, entre 1947 e 1970, um crescimento da franja de minifundistas e pequenos proprietários, na sua grande maioria portugueses que trabalhavam parcelas de 5 a 25 ha de superfície, e de um grupo menor de grandes e médios produtores, que surgiram graças à divisão das grandes propriedades.

Na escala social agrária dos portugueses, a etapa do arrendamento foi economicamente frutífera e fomentou a inclusão das mulheres no processo produtivo. Na década de 60, as mulheres começaram a cumprir nas quintas importantes papéis na infra-estrutura produtiva, tais como a preparação diária de comida para o conjunto dos trabalhadores, que incluíam portugueses e

argentinos provenientes das províncias do interior do país, ou directamente no trabalho da terra.

Tudo indica que, entre 1947 e 1969, os produtores começam a elaborar estratégias orientadas para uma reconfiguração da produção, tendo em conta a importante perda de superfície agrária. Nestas condições, tem lugar um processo de notória instabilidade de dois importantes elementos da estrutura produtiva. Entre 1947 e 1960, o número de parcelas diminui em 68%, mantendo-se a superfície média das explorações; no entanto, a partir de 1969 aumenta notoriamente o número de parcelas, resultado da divisão da superfície agrária, enquanto diminui a superfície média das explorações.

Aproximadamente entre o final da década de 60 e o início da de 70, e após um período que permitiu uma pequena acumulação de capital, os arrendatários portugueses conseguiram adquirir a propriedade das terras onde trabalhavam. Um rasgo distintivo da quinta portuguesa foi o seu carácter de exploração familiar, que se mantém até aos dias de hoje (Svetlitz de Nemirovsky *et al.*, 1997).

A partir do processo histórico em que se produziu a penetração do capitalismo no sector agrário dos países industrializados foram-se diferenciando vários modelos produtivos, tais como o prussiano, ou *junker*, o tipo francês e o norte-americano, ou *farmer* (Astori, 1984). No caso particular das quintas portuguesas de La Matanza, convém destacar que na sua articulação com o mercado operam factores que são reconhecidamente favoráveis à acumulação de excedentes depois do ciclo produtivo. A fertilidade dos solos e as condições climáticas outorgam a esta produção a particularidade de oferecer um mínimo de risco económico. Desta maneira, a obtenção de um excedente e a utilização de mão-de-obra familiar permitem conceptualizar as quintas de La Matanza como próximas do modelo *farmer*.

Em geral, entende-se que o quinteiro não contabiliza como gasto o seu trabalho e o da sua família, para além de um número significativo de trabalhos que ele próprio desenvolve como resultado da sua tendência para a poupança no que diz respeito à contratação de mão-de-obra. No seu trabalho clássico sobre os produtores de algodão no Norte da província de Santa Fe, Argentina, Archetti e Stölen (1975) afirmam que, na lógica dos colonos italianos, a terra não é considerada um capital, mas sim um meio e um objecto de produção. Entre os quinteiros portugueses de maior idade pôde-se apreciar o mesmo critério; o mesmo não aconteceu com os luso-descendentes, mais inclinados para a incorporação de tecnologia e com uma concepção mais próxima da procura de eficiência e competitividade próprias do modo capitalista de produção (Svetlitz de Nemirovsky, 2004).

Tal como acontece em todas as explorações de carácter familiar, a principal característica da quinta portuguesa foi, e continua a ser, a confluência da propriedade da terra e a organização da produção numa mesma pessoa:

o quinteiro. Tendo em consideração as sociedades agrárias etnográficas e o seu carácter de explorações familiares, Millassoux (1993) construiu um corpo teórico cujos conceitos podem ser adaptados ao modelo produtivo que estamos aqui a analisar. Segundo este autor, as explorações familiares constituiriam, em si mesmas, uma forma particular de organização social, regida por leis que lhe são próprias, onde as obrigações e os direitos dos indivíduos emergem das relações de produção, tal como as relações de reprodução, estas últimas presentes na vinculação vertical entre pais e filhos. Em consequência, as relações de produção no âmbito da família constituem sistemas estáveis, organizados, baseados no papel do indivíduo numa célula produtiva e, simultaneamente, no seu lugar no ciclo da reprodução biológica. Esta dualidade à qual se encontra sujeito o indivíduo poderia ser considerada o mecanismo básico para a manutenção deste modelo.

Deste modo, é possível considerar o trabalho familiar uma condição estrutural definitiva, não carente de resistência e plasticidade, capaz de elaborar estratégias de organização e reconfiguração como resposta ao processo de transformações a que foi exposto o sector hortícola de La Matanza.

Relativamente ao processo de comercialização da produção, mantém-se uma rotina diária que começa às 4 da madrugada, com o objectivo de transportar os legumes e as hortaliças já lavadas, divididas de acordo com as suas características e devidamente acondicionadas em caixas ao Mercado Central de Buenos Aires. Por volta da década de 60, o quinteiro transportava a produção ao antigo Mercado Central¹, situado num bairro central da cidade de Buenos Aires. Actualmente, este mercado concentrador funciona no distrito de La Matanza, e são os filhos dos proprietários quem se encarrega do transporte e comercialização da produção. Desde o início, e até aos nossos dias, o acondicionamento dos legumes, hortaliças e crucíferas para o mercado esteve a cargo de assalariados argentinos.

As quintas portuguesas têm a particularidade de serem empresas individuais altamente competitivas. Apesar de há alguns anos se ter organizado uma cooperativa de quinteiros, esta teve uma existência efêmera, o que não deixa de surpreender, dado que falamos de um conjunto de produtores não só integrantes de uma comunidade étnica, mas também ligados entre si através de laços familiares e de amizade.

A capacidade dos quinteiros portugueses para a construção de estratégias vinculadas à manipulação da exploração e orientadas para a procura de maiores ganhos sustenta-se na sua experiência no trabalho da terra; no entanto, surpreende também a ausência de vínculos à agro-indústria. Podemos afirmar que

¹ A meio da década de 90, o antigo Mercado Central foi adquirido por investidores estrangeiros que, no contexto do processo de globalização, o transformaram num dos centros comerciais e de entretenimento mais importantes da cidade de Buenos Aires.

estes representaram um papel essencial nas etapas anteriores como arrendatários e assalariados na Argentina, assim como no trabalho em explorações de tipo intensivo no período pré-migratório. 95% dos quinteiros entrevistados nasceram em Portugal e os restantes 5% na Argentina. A totalidade dos quinteiros provém das regiões das Beiras, de Trás-os-Montes e do Minho. Relativamente à nacionalidade das mulheres, 71% nasceram em Portugal e as restantes 29%, que nasceram na Argentina, são filhas de portuguesas. Estas percentagens revelam um alto índice de endogamia, que, na nossa perspectiva, condicionou de certa forma a organização do trabalho na exploração, especialmente no que se refere à inclusão da mulher no processo produtivo.

Relativamente à identidade ocupacional destes imigrantes, convém destacar que se transmitiu de forma linear de uma geração para outra: 95% dos pais dos produtores de La Matanza foram quinteiros em Portugal. Simultaneamente, é relevante conhecer a percentagem de propriedade/posse da terra dos pais dos quinteiros no país de origem. A este respeito, 66% dos pais dos quinteiros eram proprietários, 24% combinavam a propriedade com o arrendamento e 5% eram assalariados.

O facto de a quase totalidade dos pais dos quinteiros ter estado vinculada a actividades agrícolas em Portugal fez-nos presumir que os actuais produtores de La Matanza trabalharam desde muito jovens nas explorações dos pais. As respostas à pergunta «quando começou a trabalhar?» confirmaram a nossa suposição inicial: 67% dos quinteiros começaram a trabalhar durante a infância, 19% na juventude e 14% não responderam.

Na nossa amostra de quinteiros entrevistados podemos reconhecer duas linhas geracionais: um grupo de população envelhecida, com mais de 61 anos e que representa 85% do total de produtores, e outro grupo cuja idade oscila entre os 40 e os 50 anos, aproximadamente, e que poderia ser caracterizado como a geração posterior. O próprio fenómeno de inclusão do indivíduo nos trabalhos agrícolas desde a infância ou juventude representa a possibilidade de um curto e irregular período de frequência escolar derivado das obrigações laborais. Esta situação é perceptível no baixo nível de educação obtido pelos quinteiros de idade mais avançada e pelas suas mulheres: apenas 10% finalizaram a escola primária, enquanto 71% dos maridos e mulheres têm a educação primária incompleta.

À medida que os filhos varões dos quinteiros cresciam, iam-se incorporando na empresa familiar e continuavam a residir na exploração depois do matrimónio. A prática da virilocalidade mantém-se até aos dias de hoje, apesar de os luso-descendentes manifestarem ultimamente uma tendência para residirem nas cidades próximas das quintas, de forma a facilitarem a frequência dos estabelecimentos educativos pelos filhos.

Gerou-se nas explorações uma divisão do trabalho por género e idade, divisão que se foi modificando ao longo do tempo, particularmente no que se refere ao trabalho da mulher e ao processo de acumulação. Neste con-

texto, cabe destacar que nos anos seguintes à aquisição de terra, e à medida que se consolidava a exploração, apresentava-se a obrigação de devolução dos empréstimos na mesma altura em que se articulava a produção com um aumento da procura do mercado. Neste processo, o trabalho da mulher constituiu um elemento importante. No entanto, a reprodução deste sistema de trabalho tendia a modificar-se posteriormente, uma vez saldadas as dívidas — começava de novo um processo de acumulação e incorporavam-se filhos varões e noras à mão-de-obra familiar.

No entanto, e associado aos diferentes níveis de produção, é necessário assinalar que nem todos os quinteiros aderiram a um único processo de acumulação. A ausência de filhos varões e a consequente prática de virilocalidade representavam um travão à expansão da produção, perante a ausência da geração de luso-descendentes. Deste modo, as quintas que ficaram a cargo de proprietários de idade avançada, sem filhos varões, foram estagnando a nível da produção.

Relativamente à evolução da estrutura social agrária do sector hortícola de La Matanza, até 1993 manteve-se um modelo unidireccional de ascensão social cuja característica essencial foi a quebra no arrendamento e no acesso à aquisição de terra. A implementação de políticas neoliberais teve um impacto negativo sobre os pequenos produtores agrícolas e, entre 1993 e 1994, incapazes de fazerem frente aos impostos e gastos de produção, muitos quinteiros arrendaram e/ou venderam as suas parcelas a vizinhos e retiraram-se da actividade, dando início a um processo de concentração da terra.

Por outro lado, o surgimento de uma sociedade transnacional, altamente informatizada e competitiva, como consequência do processo de globalização, afectou a estrutura sócio-económica do distrito. No novo modelo mundial, dominado pelas actividades financeiras e serviços para a produção, a indústria é considerada importante, mas, como afirma Sassen (1999), não tem de ser nacional. A quebra da produção industrial fordista, que fora o eixo do desenvolvimento de La Matanza, gerou um nível de desemprego inédito até ao momento.

Deste modo, os quinteiros viram-se prejudicados pela diminuição da capacidade de compra da população em geral, pela sobreprodução de legumes e hortaliças frescas e pela preferência dos clientes dos grandes supermercados transnacionais pelos produtos hortícolas congelados. Neste contexto, os quinteiros portugueses de La Matanza não foram alheios à crise que a Argentina atravessa desde os anos 90 até hoje.

A COMUNIDADE PORTUGUESA DE LA MATANZA.

Tal como afirmámos anteriormente, entre as décadas de 40 e 60 do século xx ocorreu em La Matanza o estabelecimento de fluxos migratórios

originários de países envolvidos na segunda guerra mundial. Italianos, eslovenos, polacos, ucranianos, checos, sérvios, croatas, portugueses e outros integraram-se em todo o tipo de actividades da vida urbana através do trabalho por conta própria. A excepção a este padrão foi dada por um grupo de portugueses que acederam à produção de legumes e hortaliças e que constituíram os actores sociais de que trata este artigo.

As cidades de Isidro Casanova e González Catán, no distrito de La Matanza, são dois dos tantos *cantos portugueses do mundo*². A razão para o estabelecimento prioritário dos imigrantes portugueses nestas duas localidades baseia-se no facto de a estruturação da imigração portuguesa ter sido construída com base na existência de redes familiares, locais e de amizade.

Era comum que os integrantes dos diferentes fluxos migratórios europeus que chegavam à Argentina o fizessem através de uma *carta de chamada* enviada por um familiar neste país. No caso dos portugueses de La Matanza, os mecanismos de cooperação e solidariedade entre familiares e amigos previamente estabelecidos em La Matanza não acabavam com o envio de uma carta de chamada e a oferta de trabalho. Os recém-chegados residiam inicialmente na casa de algum familiar ou co-étnico. Esta resultou ser a via através da qual, na posterior eleição de um lugar de residência definitivo, se optou pela proximidade com familiares e amigos. A multiplicação destas redes teve um efeito directo sobre a ocupação do espaço social e territorial.

A integração dos novos imigrantes na estrutura sócio-económica de La Matanza foi um processo isento de conflitividade. Como correctamente afirma Álvarez Dorronsoro (1994), «o sucesso da integração não depende apenas das políticas públicas que são implementadas. Está também condicionado, e de forma decisiva, pelas oportunidades de trabalho e pelas expectativas de mobilidade social ascendente oferecidas pela estrutura económica da sociedade receptora» (Álvarez Dorronsoro, 1994, p. 35). Deste modo, foi-se consolidando em La Matanza uma sociedade com notórios traços de heterogeneidade (em termos estritamente étnicos) e em claro processo de integração, embora não de assimilação. A obtenção da cidadania argentina e a frequência das escolas públicas pelos filhos dos imigrantes não eram factores que actuassem negativamente sobre um processo de constante reconstrução de identidade étnica.

Por volta da década de 60 começaram a ser fundados em La Matanza os primeiros clubes das comunidades estrangeiras, provavelmente como forma de defesa perante a *ameaça*, não isenta de uma forte carga simbólica, de perda dos elementos estruturantes da própria cultura. Os membros da comunidade portuguesa participaram neste processo de construção de um *espaço de herança cultural*, como descreve Rocha-Trindade (1988) a propósito das insti-

² Tradução da expressão «Portuguese corners of the world», com a que Feldman-Bianco (1992) descreve a cidade de New Bedford, nos Estados Unidos, onde reside uma importante comunidade portuguesa.

tuições étnicas portuguesas no âmbito da emigração. O Club Português de Isidro Casanova, um dos mais importantes deste país, foi fundado no ano de 1978. Posteriormente, teve lugar a criação de outro clube, mais pequeno do que o anterior, na cidade de González Catán. Se é verdade que se mantém uma constante inter-relação entre ambas as instituições, também é perceptível uma subtil diferenciação sócio-económica entre os seus membros.

É necessário assinalar que não existem estatísticas sobre o número de portugueses que actualmente residem em La Matanza. A descontinuidade da imigração em meados da década de 60, assim como o paulatino falecimento dos imigrantes mais antigos, tiveram um impacto negativo sobre a comunidade. Os líderes dos clubes portugueses estimam que a comunidade talvez chegue às 1000 pessoas e os luso-descendentes às 9000, incluindo filhos e netos.

Para além do trabalho como produtores hortícolas, os portugueses de La Matanza também se dedicaram ao comércio e à indústria. Convém destacar que os mecanismos através dos quais acederam à propriedade das empresas coincidem com os que foram observados entre os produtores hortícolas: inicialmente, trabalharam em diferentes ofícios; posteriormente, com as poupanças acumuladas, associaram-se a co-étnicos e organizaram pequenos negócios. Favorecidos pela rápida expansão económica e crescimento demográfico ocorridos em La Matanza entre as décadas de 40 e 60, estes empreendimentos transformaram-se em empresas comerciais, onde se destaca o domínio dos negócios de materiais de construção, ferragens, empresas de transporte e agências de viagens. Reproduz-se nestas empresas uma organização do trabalho essencialmente familiar, tal como sucede nas quintas. No entanto, foi possível comprovar, em ambos os casos, a presença de pessoal não pertencente à comunidade portuguesa, normalmente encarregue de trabalhos pouco qualificados.

A questão dos possíveis indicadores de mobilidade social numa comunidade de imigrantes não está isenta de dificuldades, já que entram em jogo questões culturais e sociais que não podem ser deixadas de lado. Há muito tempo que se pode comprovar que existe na sociedade *matancera* a ideia generalizada de que no seu processo de reprodução social os portugueses conseguiram obter um bom nível de acumulação. É óbvio que no processo de inserção sócio-económica dos imigrantes cada indivíduo conta com os seus próprios recursos e estratégias para poder canalizar a sua energia social e vital, mas também é óbvio que o esforço, a solidariedade e a ajuda que as redes de familiares e amigos exercem sobre o sujeito facilitam e aceleram a inserção social e económica no novo país. Neste contexto, os portugueses constituiriam o modelo paradigmático dos imigrantes europeus que, tal como afirma Germani (1963), rapidamente ascenderiam na escala social para fazerem parte da classe média argentina. No entanto, nem todos os portugueses de La Matanza tiveram as mesmas oportunidades de acumulação.

A partir dos contactos mantidos ao longo dos anos de trabalho na comunidade, foi possível observar um pequeno grupo de casais idosos com dificuldades económicas. É o caso de M., uma mulher de 63 anos, que expressava o seu infortúnio da seguinte maneira:

Em Portugal escasseavam todas as coisas, e o pouco que havia era demasiado caro, e as pessoas pobres como nós não conseguíamos comprar... éramos muito pobres, e ainda somos. Você pode vê-lo.

É de destacar que o testemunho de M. foi o único que fez referência explícita à situação de pobreza em que a sua vida decorrerá, às necessidades insatisfeitas que parecem ter sido uma constante na sua existência. Historicamente, o emigrante português não fazia referência ao seu fracasso económico. Durante encontros informais no Club Português de Isidro Casanova tive a oportunidade de ouvir alguns homens mais idosos fazerem referência às virtudes dos lusitanos, tais como a honradez, o orgulho e a discrição nos gastos.

As flutuações económicas internas e internacionais dos últimos anos gravitaram de forma negativa sobre a população argentina, em geral, e sobre a classe média, em particular, situação à qual fazem constante referência os portugueses enquanto donos das próprias empresas. Um tópico comum é o desencanto pela actual crise e o desejo/utopia do regresso.

Agora estão a matar-nos com os impostos, e eu não posso vender aqui e comprar tudo o que tinha ali [em Portugal], porque, se eu pudesse fazer isso, ia-me embora já amanhã [J, 72 anos, empresário].

Na história da emigração portuguesa, o mito do retorno articula-se com o mito da fortuna brasileira. Dado que o Brasil foi o país que historicamente absorveu o maior número de portugueses, a ideia da fortuna brasileira tem raízes no passado colonial e estava intimamente ligada ao projecto de rápido enriquecimento para depois retornar a Portugal (Halpern Pereira, 1984). O «brasileiro» era a figura que correspondia ao português emigrante e pobre que regressava do Brasil com grandes quantidades de dinheiro para posteriormente realizar importantes investimentos financeiros. Ao longo da história da emigração reproduziu-se o mito do retorno, enraizado naquela figura, hoje lendária, do «brasileiro».

Como dissemos anteriormente, entre os portugueses mais idosos de La Matanza está presente a ideia do eterno retorno, mas este retorno adopta a forma de uma utopia. Dá-se a entender que o Portugal ao qual desejam regressar não é o actual, mas sim aquele que eles deixaram. Na narrativa da migração é possível perceber a mesma linguagem diaspórica em todos os portugueses (Clifford, 1994), cujo elemento mais significativo é um sentimento de resignação e aceitação da vida fragmentada que construíram e que se sintetiza na expressão *viver na Argentina mas desejar Portugal*.

Através das práticas da vida quotidiana, tais como a frequência de clubes e igrejas portuguesas e a constante inter-relação entre co-étnicos, é reproduzida na vida familiar a nostalgia de Portugal. Estes elementos operam como mecanismos de transmissão e reforço do sentimento de «saudade» e da memória cultural em filhos e netos nascidos na Argentina. O termo «saudade», originado no século XVI como sinónimo de nostalgia, é considerado por Feldman-Bianco (1992) uma construção cultural que definiria a identidade portuguesa no contexto da emigração. Nesta linha, o curso da vida está submerso num constante sentimento de desenraizamento. Um testemunho relevante é o de um dos líderes da comunidade portuguesa na Argentina que, por ocasião da recente celebração do Dia do Imigrante, enviou uma mensagem electrónica que dizia:

Os imigrantes nunca vamos benzer o nosso destino. Órfãos de pátria, andamos pelo mundo numa aventura quase sem fim. Tratamos de ocultar a dor invisível da saudade que trazemos cravada na alma. Ela será a nossa infalível companheira. Apenas cessará no dia em que regressemos a esse canto da aldeia que guarda a nossa memória nas recordações da infância. Claro que nem todos o conseguiremos.

Ninguém sabe por que é que o homem estabelece um pacto tão forte com a terra onde a sua vida brotou. Alguns dizem que é o idioma; outros, a forma de ser de um povo, o sol, as igrejas, o rosto dos velhos, os ramos dos pinheiros ou o alecrim. Eu também não sei, mas Portugal faz-me falta. Fazem-me falta as fragrâncias do rosmaninho, as fontes, os ecos de uma melodia que me afine a alma e, especialmente, os rostos que povoaram a minha infância.

Alguma vez li que emigrar é como perder um membro; a ferida poderá cicatrizar, mas a ausência estará sempre presente. A vida e, sobretudo, a família e os filhos vão tecendo à nossa volta uma malha que nos vai aprisionando.

Neste Dia Nacional do Imigrante honremos a terra que nos abriu os braços e trabalhemos para que os nossos filhos nunca tenham de abandoná-la [António Canas Antunes].

Uma especificidade própria deste grupo etno-cultural é a constante reconstrução dos seus limites quando se observam os intercâmbios com a sociedade em geral (Barth, 1969). No entanto, é com os membros das comunidades italiana e espanhola de La Matanza que os seus elementos se unem através de relações de amizade e solidariedade, iniciadas há já várias décadas.

Se considerarmos a totalidade da comunidade portuguesa de La Matanza relativamente à construção da identidade, observamos que existe nela uma

fragmentação. Por um lado, há um grupo fortemente endogâmico que conserva a sua auto-identificação com os valores e tradições portuguesas, simultaneamente reconstruindo os limites étnicos na esfera pública da vida social. Os quinteiros portugueses podem ser adscritos a este primeiro grupo. No decorrer da sua vida quotidiana encontra-se presente aquilo que com um significado difuso poderíamos apelidar de «memória cultural», cujos elementos mais significativos são a língua, as comidas, a organização familiar, a música e a presença em todos os lares de uma imagem da Virgem de Fátima trazida de Portugal.

Simultaneamente, outro grupo de portugueses – aqueles inseridos em geral nas actividades económicas nas cidades de La Matanza – apresenta-se como já assimilado na sociedade nacional, dando a entender que os seus limites étnicos sofreram um processo de evanescência. Poder-se-ia pensar que este seria um caso onde, perante um novo contexto sócio-cultural, se institucionalizaram novos padrões de conduta, em oposição aos quinteiros, agrupados no sector rural do distrito, com uma intensa inter-relação entre eles e isolados da multiculturalidade da vida urbana. Em geral, neste segundo grupo de portugueses muitos dos seus membros reflectem práticas de exogamia, com um nível relativo de frequência de clubes e igrejas portuguesas.

Paradoxalmente, apesar de afirmarmos no início que era possível reconhecer uma fragmentação no seio da comunidade portuguesa de La Matanza no que à identidade étnica diz respeito, também é evidente uma articulação entre a totalidade dos seus membros na hora de analisar a identidade nacional. Neste sentido, é importante estabelecer a diferença que atribuímos aos conceitos de identidade étnica e identidade nacional neste texto. Enquanto a etnicidade nos permite classificar uma pessoa de acordo com uma identidade básica, supostamente determinada pela sua origem e formação, e pressupõe uma categoria cultural (Barth, 1976), o conceito de nação constitui uma categoria política (Esteve Fabregat, 1982).

O conceito de identidade nacional encontra, indubitavelmente, âncora no conceito de nação. Segundo Gellner (1983), na definição de nação não podem ser ignorados dois elementos básicos, tais como a vontade e a cultura. Vontade enquanto adesão e lealdade. Com esta afirmação, Gellner supõe que as nações são construções elaboradas pelos homens com base nas convicções, fidelidades e solidariedades de um grupo que pretende perdurar; daí a implicação da vontade. A outra perspectiva é a da nação como um substrato cultural partilhado. No entanto, o autor não só define uma nação com base na causa comum e na vontade, mas também propõe agregar a união de ambos os elementos ao da unidade política.

Mesmo sendo evidentes entre os autores anteriormente comentados coincidências gerais no que se refere aos conceitos de identidade nacional e de

nação, Anderson (1997) adiciona a esta última a característica de «comunidade imaginada». Esta noção baseia-se na ideia de que, apesar de os membros de uma nação não se conhecerem todos entre si, «na mente de cada um vive a imagem da sua comunidade» (Anderson, 2000, p. 23).

Não obstante as diferenças essenciais entre ambas as categorias de identidade, estas não se opõem entre si, mas, pelo contrário, em alguns casos até se justapõem. Neste sentido, é interessante referir que, ao contrário da auto-diferenciação étnica que está presente nos portugueses que residem no sector rural do distrito, no discurso de todos os imigrantes portugueses de La Matanza a referência ao país de origem é constante, o que de certa forma evidencia significativamente o sentido de pertença à nação portuguesa. No caso dos imigrantes franceses, Schnaper (*in* Contreras, 1994) defende que a assimilação completa, particularmente quando se está a tratar de grupos étnicos e não simplesmente de indivíduos isolados, é um mito.

Nas capelas erguidas pelos imigrantes portugueses de La Matanza, o ritual da Virgem de Fátima é organizado por padres brasileiros e reflecte significativamente a união entre o sagrado e o profano, o religioso e o nacional. Se bem que, em geral, a língua utilizada seja o espanhol, é de destacar que entre os cânticos se incluem hinos religiosos em português, outros em espanhol e canções populares portuguesas cujas letras descrevem as diferentes regiões lusitanas.

Esta dupla ancoragem é reforçada nas práticas da religiosidade popular. A Virgem de Fátima, a Virgem Mãe, simboliza a terra mãe portuguesa. Deste modo, o novo país é vivido pelos portugueses, de acordo com a teoria defendida por Achard e Massera (1982), como a madrasta que substitui a mãe abandonada o que os rejeitou, expulsando-os do seu seio. O ambiente no qual se desenvolve o ritual é de extrema tristeza, especialmente quando são entoadas as canções populares portuguesas. O choro não está ausente entre aqueles que nasceram em Portugal.

A unção e a veneração da Virgem de Fátima não só geram uma síntese do *ethos* da população portuguesa, como oferecem simultaneamente, num plano mais profundo, uma cosmovisão — aquilo que Geertz (1989) define como uma forma de ordenar a realidade. Portanto, ambos os níveis (*ethos* e cosmovisão) se reforçam mutuamente no ritual: oferecem aos imigrantes uma estrutura cultural particular, que assenta sobre a experiência migratória vivida e os sentimentos pela pátria longínqua, enquanto se fortalece a sensação de harmonia com uma ordem metafísica.

O público presente na missa é em geral feminino: mulheres portuguesas idosas, algumas acompanhadas pelas filhas portuguesas e netas argentinas. Apesar de estas últimas não terem vivido a experiência da migração, reflectem sobre este fenómeno utilizando os mesmos recursos que as gerações anteriores, adoptando neste sentido uma identificação diaspórica extremamente intensa.

CONCLUSÕES

Os membros da comunidade portuguesa de La Matanza chegaram numa etapa de grandes transformações na Argentina, cujo clímax de desenvolvimento sócio-económico constituiu uma condição facilitadora da sua integração sem necessidade de deslocamento de outro grupo social.

As quintas portuguesas oferecem actualmente uma complicada trama de tradição e modernidade tanto ao nível dos actores sociais e da sua particular dupla ancoragem como em relação ao nível da organização da produção. Como consequência, a hibridez cultural à qual se referem antropólogos como García Canclini (1989) e Signorelli (1999) não só constitui uma condição própria das aglomerações urbanas, como é também aplicável a unidades agrárias, como as quintas portuguesas de La Matanza.

O árduo processo de transculturação experienciado pelos portugueses constitui o factor mais importante na constituição destes actores sociais. Constantes referências ao processo migratório, à pátria longínqua e ao desejo/utopia do regresso emergem como os elementos principais de uma linguagem diaspórica, tingida de tristeza e resignação. As actividades sociais dos clubes portugueses, que promovem uma intensa interacção social entre os seus membros, assim como a transportação de uma prática religiosa pré-migratória, constituem estratégias que reconstróem e reforçam a identidade étnica e a identidade nacional.

Relativamente à causa primeira da imigração para a Argentina por parte de pessoas oriundas do Norte português, conclui-se que foi a procura de um mecanismo de ascensão social característico da sociedade capitalista, onde as redes sociais tiveram um peso definitório.

Ao contrário do que se poderia supor quando confrontados com o avanço do processo de implantação industrial e de urbanização do distrito de La Matanza, convém destacar a emergência de um incremento sustentado da produção hortícola a partir da década de 60 do século XX, incremento que repousa no veloz crescimento demográfico da região metropolitana de Buenos Aires. As bases económicas e sociais do processo de expansão da produção hortícola de La Matanza tiveram como elementos essenciais a disponibilidade de pequenas parcelas adequadas para uma produção de carácter intensivo, a constante procura de produtos alimentares frescos por parte de uma população em crescimento, a proximidade à cidade de Buenos Aires e uma mão-de-obra com baixo nível de salários composta por migrantes do interior do país. No entanto, o elemento essencial que favoreceu a consolidação deste processo foram as quintas portuguesas. Esta afirmação reforça o papel essencial dos imigrantes portugueses enquanto actores sociais que contribuíram com a sua experiência pré-migratória e construíram estratégias

de acordo com os seus objectivos, orientadas para a reprodução desse modelo produtivo que, sobre a base da organização familiar do trabalho, demonstrou a sua capacidade de adaptação à complexidade da evolução económica do distrito.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1999), *Actas del Coloquio Internacional sobre Geografía de las Religiones*, Santa Fe, Argentina, Universidad Católica Argentina.
- AA.VV. (2000), *Jornadas sobre los Comerciantes como Empresarios, Siglos XVII al XX*, Buenos Aires, Universidad Argentina de la Empresa, UADE.
- ACHARD, L., e MASSERA, J. (1983), «Vicisitudes del inmigrante», in *Revista de Psicoanálisis*, 40, Asociación Psicoanalítica Argentina.
- ALVAREZ DORRONSORO, I. (1994), «Los retos de la inmigración», in J. Contreras (comp.), *Los Retos de la Inmigración. Racismo y Pluriculturalidad*, Madrid, Talasa Ediciones.
- ARCHETTI, E., e STÖLEN, K. (1975), *Explotación Familiar y Acumulación de Capital en el Campo Argentino*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
- ASSADOURIAN, C. S., BEATO, C., e CHIARAMONTE, J. C. (1986), *Argentina: de la Conquista a la Independencia*, Buenos Aires, Editorial Hyspamérica.
- ASTORI, D. (1984), *Controversias sobre el Agro Latinoamericano*, Chile, CEPAL.
- AVNI, H. (1983), *Argentina y la Historia de la Inmigración Judía, 1810-1950*, Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalem, AMIA, Comunidad de Buenos Aires.
- BAGANHA, M. I. (1998), «A emigração portuguesa e as correntes migratórias internacionais (1885-1974). Síntese histórica», in *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 38, ano 13.
- BARTH, F. (1969), *Ethnic Groups and their Boundaries*, Nova Iorque, Basic Books.
- BORGES, M. (1989), «Los portugueses en Buenos Aires a mediados del siglo XIX: una aproximación sociodemográfica», in *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 12.
- BORGES, M. (1991), «Características residenciales de los inmigrantes portugueses en Buenos Aires en la segunda mitad del siglo XIX», in *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 18.
- BORGES, M. (1997), *Portuguese in Two Worlds: a Historical Study of Migration from Algarve to Argentina*, tese de doutoramento, The State University of New Brunswick.
- BORGES, M. (2000), «Migration systems in Southern Portugal: regional and transatlantic circuits of labor migration in the Algarve (eighteenth-twentieth centuries)», in *International Review of Social History*, 45, pp. 171-208.
- BRUNER, E. (1986), «Ethnography as narrative», in V. Turner e E. Bruner, *The Anthropology of Experience*, Urbana e Chicago, University of Illinois Press.
- CASTELLS, M. (1992), *Problemas de Investigación en Sociología Urbana*, México, Siglo Veintiuno Editores.
- CASTELLS, M. (1997), *La Cuestión Urbana*, México, Siglo XXI Editores.
- CLIFFORD, J. (1994), «Diasporas», in *Cultural Anthropology*, 9.
- CONTRERAS, J. (comp.) (1994), *Los Retos de la Inmigración*, Madrid, Talasa.
- CORTÉS CONDE, R., e GALLO, E. (1971), *La Formación de la Argentina Moderna*, Buenos Aires, Paidós.
- DE OLIVEIRA MARQUES, A. H. (1995), *Breve História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença.
- DI TELLA, G., e ZYMELMAN, M. (1973), *Los Ciclos Económicos Argentinos*, Buenos Aires, Paidós.
- ESTEVA FABREGAT, C. (1982), *Estado, Etnicidad y Biculturalismo*, Barcelona, Ediciones Península.
- FELDMAN-BIANCO, B. (1995), «A criação de uma nação (portuguesa) desterritorializada e a transnacionalização de famílias», in *Cadernos CERU*, 6, série 2, São Paulo, Brasil.

- GARCÍA CANCLINI, N. (1989), *Culturas Híbridas. Estrategias para Entrar y Salir de la Modernidad*. Grijalbo.
- GEERTZ, C. (1989), *La Interpretación de las Culturas*, Espanha, Gedisa [original (1973), *The Interpretation of Cultures*, Nova Iorque, Basic Books].
- GELLNER, E. (1983), *Naciones y Nacionalismo*, Madrid, Alianza.
- GERMANI, G. (1963), «Movilidad social en la Argentina.», in S. M. Lipset e R. Bendix (comps.), *Movilidad Social en la Sociedad Industrial*, Buenos Aires, Editorial EUDEBA.
- GERMANI, G. (1965), *Política y Sociedad en Una Época de Transición. De la Sociedad Tradicional a la Sociedad de Masas*, Buenos Aires, Paidós.
- GERMANI, G. (1971), *Sociología de la Modernización. Estudios Teóricos, Metodológicos y Aplicados a América Latina*, Buenos Aires, Paidós.
- GERMANI, G. (1987), *Estructura Social de la Argentina. Análisis Estadístico*, Buenos Aires, Argentina, Editorial Solar.
- HALPERN PEREIRA, M. (1984), *Política y Economía. Portugal en los Siglos XIX y XX*, Barcelona, Ediciones Ariel, trad. de Basilio Losada, original (1984), *Política e Economía. Portugal nos Séculos XIX e XX*.
- HAMMERSLEY, M., e ATKINSON, P. (1994), *Etnografía. Métodos de Investigación*, Barcelona, Paidós Básica, trad. de Mikel Aramburu, original (1983), *Ethnography. Principles in Practice*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- KYMLICKA, W. (1995), *Ciudadanía Multicultural*, Buenos Aires, Paidós, original (1996), *Multicultural Citizenship. A Liberal Theory of Minority Rights*, Oxford, Clarendon Press.
- LEWIN, B. (1980), *Los Portugueses en Buenos Aires en el Período Colonial*, VI Congreso Internacional de Historia de América, Academia Nacional de la Historia, t. IV.
- MEILLASSOUX, C. (1985), *Mujeres, Graneros y Capitales*, México, Siglo XXI, trad. de Oscar del Barco, original (1975), *Femmes, greniers, capitaux*, Librairie François Maspero.
- MILLER, D. (1997), *Sobre la Nacionalidad. Autodeterminación y Pluralismo Cultural*, Buenos Aires, Paidós, trad. de Angel Rivero, original, *On Nationality*, Nova Iorque, Oxford University Press, Inc.
- MENDES PEREIRA, J., e DIAS RATO, J. (1968)., *Historia del Club Portugués de Buenos Aires*, S/pie de imprenta.
- MOURA, F. (1999), *De Portugal para o Mundo*, manuscrito.
- NÚÑEZ SEIXAS, X. (1999), «Algunas notas sobre la imagen social de los inmigrantes gallegos en la Argentina (1860-1940)», in *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 42, Buenos Aires.
- PADUA, J. (1979), *Técnicas de Investigación Aplicadas a las Ciencias Sociales*, FCE, El Colegio de Mexico.
- PEREDES, I. (2000), «Vinculaciones de los comerciantes portugueses en Buenos Aires hacia 1750», in AA.VV., *Jornadas sobre los Comerciantes como Empresarios, Siglos XVII al XX*, Buenos Aires, Universidad Argentina de la Empresa, UADE.
- PESCI, R., e ACEBO IBÁÑEZ, E. (1992), «Modernización y descentralización en las grandes ciudades. Reconversión y relocalización industrial en el Área Metropolitana de Buenos Aires», in *Boletín Informativo Techint*, 271.
- PÉREZ BARRERO, M. (1990), *Las Transformaciones Socioeconómicas del Área Metropolitana: Reconversión Industrial y Empleo*, Buenos Aires, Argentina, Consejo Federal de Inversiones.
- RAMELLA, F. (1995), «Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios», in M. Bjerg e H. Otero (comps.), *Inmigración y Redes Sociales en la Argentina Moderna*, CEMLA-IEHS, Argentina, Universidad del Centro de la Provincia de Buenos Aires.
- REITANO, E. (2000), «Los comerciantes portugueses del Buenos Aires tardocolonial. Inversiones, familia, relaciones», in AA.VV., *Jornadas sobre los Comerciantes como Empresarios, Siglos XVII al XX*, Buenos Aires, Universidad Argentina de la Empresa.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (s. d.), «O regresso imaginado», in *Nação e Defesa, Portugal*, Instituto de Defesa Nacional.

- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1985), «Regresso», in *Diccionario Ilustrado da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Alfa.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1986), «Emigração», in *Diccionario Ilustrado da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Alfa.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1988), «Espaços de herança cultural portuguesa: gentes, factos, políticas», in *Análise Social*, 24.
- SASSEN, S. (1999), *La Ciudad Global. Nueva York, Londres, Tokio*, Buenos Aires, Editorial EUDEBA.
- SIGNORELLI, A. (1999), *Antropología Urbana*, Iztapalapa, México, Universidad Autónoma Metropolitana, e Barcelona, Editorial Anthropos.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A. (dir.), GONZÁLEZ, R., e BEORDI, G. (1997), *El Sistema Productivo Agropecuario del Partido de La Matanza*, relatório final de investigação, Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de La Matanza, manuscrito.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A. e GONZÁLEZ, R. (1997), «En torno a la historia agraria del partido de La Matanza», in *Encuentros*, 9, revista do Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de La Matanza.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A. (1998), «Dinámica de la producción agraria en el Área Metropolitana de Buenos Aires», in *Rábida*, 16, Huelva, Espanha.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., et al. (1998), «Las quintas de La Matanza», in *Revista de Historia Bonaerense*, 17, ano IV, Instituto de Investigaciones Históricas de Morón, provincia de Buenos Aires.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A. (dir.), GONZÁLEZ, R., BEORDI, G., e CHOMER, R. (1999), *Productores Portugueses en el Conurbano Bonaerense. El Caso del Partido de La Matanza*, relatório final de investigação, Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de La Matanza, manuscrito.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., e GONZÁLEZ, R. (1999), «Un análisis de la religiosidad y la identidad étnica en una comunidad portuguesa del Conurbano bonaerense», in AA.VV., *Actas del Coloquio Internacional sobre Geografía de las Religiones*, Santa Fe, Argentina, Universidad Católica Argentina.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., e GONZÁLEZ, R. (1999a), «Saudade. La comunidad rural portuguesa del partido de La Matanza», in *Scripta Ethnologica*, vol. XXI, Buenos Aires.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., e GONZÁLEZ, R. (1999b), «Inmigrantes portugueses en el partido de La Matanza, provincia de Buenos Aires, Argentina. Conflictos alrededor de la construcción social de la identidad», in *III Reunión de Antropología del MERCOSUR*, Posadas, Universidad Nacional de Misiones, 23-26 de Noviembre.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., GONZÁLEZ, R., e BEORDI, G. (2000), «Productores hortícolas en el Área Metropolitana de Buenos Aires. El caso del partido de La Matanza», in *Estudios Socioterritoriales*, vol. 1, n.º 1, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A., GONZÁLEZ, R., e BEORDI, G. (2001), «Empleo y conflicto en el sector hortícola de La Matanza, provincia de Buenos Aires», in R. Benencia (comp.), *Antiguos y Nuevos Asalariados en el Agro Argentino*, Buenos Aires, Editorial La Colmena.
- SVETLITZA DE NEMIROVSKY, A. (2004), *Desarrollo e Inmigración Portuguesa en el Área Metropolitana de Buenos Aires. Transformaciones y Continuidades Agrarias en el Partido de La Matanza*, tese de doutoramento, Universidad de Huelva, Espanha, manuscrito.
- TORRADO, S. (1983), *La Estructura Social de la Argentina. 1945-1983*, Buenos Aires, Ediciones de la Flor.

Tradução de Ruy Blanes